

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL  
PLAGEDER**

**IVONETE PEREIRA DE AVILA**

**MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA EM SANTA VITÓRIA DO PALMAR/RS**

**Porto Alegre**

**2017**

**IVONETE PEREIRA DE AVILA**

**MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA EM SANTA VITÓRIA DO PALMAR/RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel

Coorientadora: Tutora Ma. Camila Traesel Schreiner

**Porto Alegre**

**2017**

**IVONETE PEREIRA DE AVILA**

**MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA EM SANTA VITÓRIA DO PALMAR/RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel – Orientador

UFRGS

---

Profa. Dra. Daniela Garcez Wives

UFRGS

---

Prof. Dr. Leonardo Xavier da Silva

UFRGS

## **RESUMO**

O trabalho que segue busca descrever o processo de modernização da agricultura no município de Santa Vitória do Palmar/RS devido a importância da análise da evolução da agricultura em estudo, dos impactos gerados ao meio ambiente com a utilização dos agrotóxicos utilizados nas lavouras, do desemprego, empobrecimento no campo, êxodo rural e da evolução dos sistemas agrários bem como os condicionantes ambientais, culturais e socioeconômicos envolvidos.

A modernização contribuiu significativamente no aumento da produtividade agrícola e acelerou o crescimento da economia no País, porém se mostrou de modo excludente atendendo ao interesse de uma minoria, principalmente os grandes proprietários rurais.

Como metodologia utilizada para a realização do trabalho destaca-se a pesquisa bibliográfica em livros, sites e artigos e pesquisa de campo através de entrevistas com informantes-chave que fizeram e/ou ainda fazem parte do processo de modernização da agricultura.

Palavras-Chave: Modernização da agricultura, Sistemas agrários, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul.

## **ABSTRACT**

The work that follows seeks to describe the process of modernization of agriculture in the municipality of Santa Vitória do Palmar / RS due to the importance of the analysis of the evolution of the agriculture under study, of the impacts generated to the environment with the use of pesticides used in the crops, unemployment, impoverishment in the countryside, rural exodus and the evolution of agrarian systems as well as the environmental, cultural and socioeconomic constraints involved.

Modernization contributed significantly to the increase in agricultural productivity and accelerated the growth of the economy in the country, but was shown to be exclusive in the interest of a minority, especially the large landowners.

As a methodology used to carry out the work, we highlight bibliographical research in books, sites and articles and field research through interviews with key informants who have done and / or are still part of the process of modernization of agriculture.

**Key words:** Modernization of agriculture, Agrarian systems, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E O BRASIL.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>MUNICÍPIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR: DESCRIÇÃO DA PAISAGEM.....</b>	<b>10</b>
3.1	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR.....	10
3.2	BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR.....	11
3.3	DESCRIÇÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR/RS..	12
3.4	RELEVO.....	12
3.5	CLIMA.....	16
3.6	SOLOS.....	17
3.7	HIDROGRAFIA (COMPLEXO MIRIM-MANGUEIRA) .....	18
3.8	VEGETAÇÃO.....	18
<b>4</b>	<b>EVOLUÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DOS SISTEMAS AGRÁRIOS DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR.....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR .....</b>	<b>25</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A modernização da agricultura no Município de estudo inicia-se com o processo de melhoria das práticas de criação da pecuária, fator que explica a colonização em meados do século XIX.

Em Santa Vitória do Palmar, os indígenas viviam no século XVIII essencialmente da atividade pecuária, além do que com os solos férteis, a água em abundância e os frutos silvestres, a princípio não obtinham a preocupação com a agricultura. O gado ovino chega mais tarde, no início do século XX, por uma questão de necessidade alimentar.

Atualmente a agricultura de Santa Vitória do Palmar está baseada majoritariamente no cultivo dos binômios arroz/soja em latifúndios de exploração tendo como segundo plano a pecuária de corte somada às demais culturas em menor escala como o milho e algumas espécies de hortifrutigranjeiros.

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar a modernização da agricultura no município de Santa Vitória do Palmar/RS, buscando o entendimento do processo agrícola em meio às variáveis e potencialidades existentes na região de estudo como mecanização das lavouras, êxodo rural e afins.

Como metodologia de estudo foram utilizadas referências escritas buscadas através de livros, sites e artigos referentes à modernização da agricultura no município para que fosse possível a comprovação científica que o estudo sugere, aliando entrevistas com informantes-chave.

A escolha dos quatro informantes-chave entrevistados nos meses de setembro e outubro de 2017 deram-se devido ao envolvimento com os mesmos acerca do desenvolvimento da agricultura dentro do município e, que de uma maneira ou de outra contribuíram e/ou ainda contribuem para o processo de modernização agrícola.

Dessa forma o trabalho organiza-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo encontramos uma breve introdução e a metodologia do trabalho destacando pontos importantes sobre o município de estudo. No segundo capítulo é apresentada a modernização da agricultura e o Brasil, contendo conceitos e evolução. No terceiro capítulo vislumbramos a história da agricultura no município de Santa Vitória do Palmar, no quarto capítulo apresenta-se o quadro explicativo referente à evolução e diferenciação dos sistemas agrários do município e, no quinto e último capítulo, o tema abordado refere-se à modernização da agricultura de Santa Vitória do Palmar juntamente com as considerações finais acerca da interpretação referente ao trabalho desenvolvido.

## 2. A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E O BRASIL

Silveira (2011, p. 22) entende por modernização da agricultura “a adoção de novas técnicas e tecnologias no processo produtivo, representando novas formas de relacionamento entre empregador e empregado nas relações de trabalho”.

De acordo com Almeida (2010, p. 16-17), quando se trata de modernização da agricultura, cabe salientar que “[...] a modernização agrícola está ligada à transformação da produção em *commodities*, alterando os mercados agrícolas internacionais e as culturas locais tradicionais”.

Ainda de acordo com Almeida (2010, p. 16-17) “o processo demandou incrementos tecnológicos para o aumento da produção, como estratégia de competição global entre grandes empresas agrícolas e escassez de terras devido ao aumento da demanda e à saturação dos espaços tradicionais de cultivo nos países desenvolvidos”.

O autor reitera que a Revolução Verde, ocorrida nas décadas de 1960 e 1970 é responsável por “diversas mudanças tecnológicas e organizacionais [...] implementadas mediante o uso de agrotóxicos, fertilizantes, máquinas e implementos, técnicas de irrigação e novas variedades agrícolas, transformando a face da agricultura mundial” (ALMEIDA, 2010. p. 16-17).

Almeida (2010, p. 17) discorre que “a partir de meados da década de 1960, vários países latino-americanos se engajaram na chamada Revolução Verde, sinônimo, para muitos, de “modernização da agricultura”.

O autor destaca que a Revolução Verde tem por base “princípios de aumento da produtividade através do uso [...] de insumos químicos, de variedades [...] melhoradas geneticamente, da irrigação e da motomecanização” (ALMEIDA, 2010. p. 17). Cria-se a partir daí a ideia conhecida como “pacote tecnológico”.

Almeida (2010, p. 20) ressalta que “para pensar o estado brasileiro e seu papel na modernização da agricultura, deve-se levar em conta a dinâmica do conflito político que se instala em diferentes épocas e contextos na sociedade brasileira”, e de acordo com Almeida apud Palmeira “o país assistiu desde fins da década de 1960 a um impulso modernizador em sua agricultura”, o que significou “uma absorção cada vez maior de crédito agrícola, incorporação de novas tecnologias e máquinas na produção e inserção das modernas redes internacionais de comercialização agrícolas”.

A partir de 1960, o Brasil passou a disseminar a ideia de que para atingir a modernidade no meio rural a agricultura, não mais poderia manter-se atrasada, pois moderno significava produzir em larga escala e melhor, com equipamentos de última geração e com avanços significativos. Aqueles que adotavam o “pacote tecnológico”, de acordo com Almeida (2010, p. 27) “despontavam como modernos, desenvolvidos, progressistas, produtivos e ricos”.

Outro fato bastante relevante no que se refere à modernização da agricultura são as políticas de crédito rural, incentivando o investimento dos agricultores no setor agrícola rumo às exportações.

As políticas de crédito cresceram a partir da década de 1970, representando a saída para os agricultores no que trata da aquisição de insumos e máquinas agrícolas, pois a facilidade do crédito proporcionou o benefício ao acesso de tecnologias de última geração. “[...] Tal disponibilidade de recursos seguiu a lógica da concentração, pois caiu nas mãos de um pequeno número de grandes proprietários, reproduzindo e acirrando a dinâmica de conflito no campo” (ALMEIDA, 2010. p. 21).

Devido a esses fatores houve uma concentração maior da renda, ocasionando a saída do campo de diversos trabalhadores rurais resultando no êxodo rural, pois “cresceu a taxa de auto exploração nas propriedades menores e piorou a qualidade de vida da população trabalhadora do campo”. Em decorrência desses fatos, a “[...] saída da propriedade é definitiva e sem substituição ou, dito de uma outra maneira, é o mesmo tipo de contrato tradicional que é liquidado” (ALMEIDA, 1989. p. 89).

Com a modernização agrícola iniciava-se a implementação de maquinários agrícolas que atendessem à demanda dos agricultores e, com isso a utilização do trator e outros equipamentos para o preparo das terras deu-se de maneira bastante expansiva, pois conforme David (1996, p. 203-204) “o crescimento da utilização de tratores, arados e colheitadeiras, é consequência do processo de adoção da modernização que se efetuou a partir da década de 50”.

O mesmo autor ainda destaca que a partir do final da década de 1960 é que o “processo se intensifica, devido ao crescimento da lavoura [...] em virtude do valor econômico baseado na produção de bens duráveis e de exportação pois, a agricultura [...] passou a utilizar máquinas, equipamentos agrícolas e insumos industriais”.

Cabe salientar que a demanda crescente do processo de tecnificação acaba por diminuir a mão de obra, conforme já salientado anteriormente e, com a implementação de maquinário de maior potência exige do agricultor uma qualificação maior de seu trabalho.

David (1996, p. 204) ressalta que as transformações que ocorreram “com a alteração da base técnica da agricultura, [...] da base técnica de produção, [...] do uso intensivo de máquinas e insumos de origem industrial provocaram mudanças em relação a força de trabalho [...]”, pois o autor destaca que o “processo técnico provocou a sua liberação, aliado à necessidade de sua maior qualificação, tendo em vista a nova tecnologia empregada no campo”.

Quando se trata da evolução da modernização da agricultura no Rio Grande do Sul, “as diversidades regionais podem ser avaliadas sob diferentes olhares, vieses teóricos e recortes territoriais”.

Mesmo sendo através de “investigações que se apropriam dos Sistemas Agrários, ou mesmo estudos que privilegiem o escopo das desigualdades regionais, há um aparente processo de diferenciação, que posicionou, lado a lado, uma heterogeneidade de categorias sociais na agricultura gaúcha”. É possível evidenciar que “em um polo, encontram-se grupos proprietários integrados a complexos agroindustriais. Em outro, avistam-se categorias e estabelecimentos à margem da dinâmica produtiva atual” (FILHO e MIGUEL, 2011. p. 5).

Teixeira (2005, p. 40) salienta que as inovações tecnológicas ocorridas no campo “deram um novo direcionamento às atividades produtivas do País, que passaram a incorporar novas técnicas e equipamentos produtivos”. Com isso a “industrialização se expandiu rapidamente e passou a exigir uma reestruturação do campo, visto ser fonte de matéria-prima”. O autor ainda ressalta que “era necessário preparar o campo para produzir para a indústria e, ao mesmo tempo, receber produtos industrializados, tais como agrotóxicos, fertilizantes, sementes melhoradas e máquinas (TEIXEIRA, 2005. p. 40).

O processo de mecanização agrícola ocorrido nos últimos anos impactou a vida de diversos atores dependentes da terra, resultando em sérias consequências para estes. Neto (1985, p. 27) caracteriza o processo de mecanização agrícola como “o processo de transformação capitalista da agricultura, que ocorre vinculado às transformações gerais da economia brasileira recente”.

O autor salienta que “com novas técnicas e equipamentos modernos, o produtor passa a depender cada vez menos da “generosidade” da natureza, adaptando-a mais facilmente de acordo com seus interesses” (NETO, 1985. p. 27).

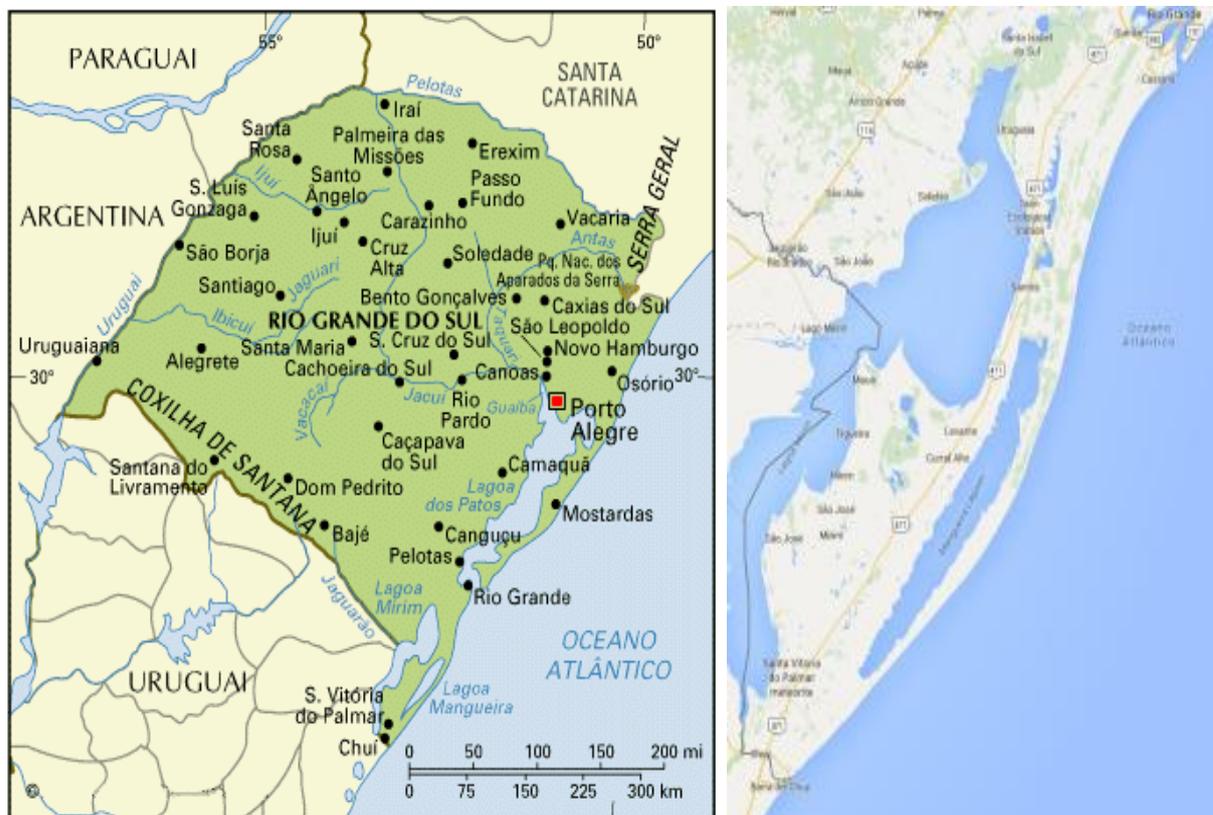
### **3. MUNICÍPIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR: DESCRIÇÃO DA PAISAGEM**

#### **3.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR**

Atualmente Santa Vitória do Palmar localiza-se no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, limitando-se a sul com a República Oriental do Uruguai (no arroio Chuí), Chuí e oceano Atlântico, a leste com o oceano Atlântico, a norte com os municípios de Arroio Grande e Rio Grande (na Reserva Ecológica do Taim) e a oeste limita-se com a República Oriental do Uruguai e Jaguarão (na lagoa Mirim).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Santa Vitória do Palmar conta com uma população de, aproximadamente 30.990 hab. em uma área da unidade territorial de 5.243,578 km<sup>2</sup>. Os mapas que seguem demonstram a localização do município.

### Localização do Município de Santa Vitória do Palmar/RS



Fonte: Google Maps, 2017.

### 3.2. BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR

O município de Santa Vitória do Palmar localiza-se onde viviam originalmente os índios das tribos Charrua e Minuano, nômades em seu extrativismo nos arredores da lagoa Mirim e arroio Chuí, caracterizado pelos palmares de Butiá agrupados de longe em longe em meio à planície rasa e limpa, plena de pastagens finas, eventuais capões de mato nativo

esparcos e matas ciliares ao longo dos principais cursos d'água e arroios, segundo Rodrigues, Professor de História e Historiador local.

Conforme o Plano Ambiental Municipal (PAM 2011, p. 12), Santa Vitória do Palmar abrange a região “outrora denominada Campos Neutrais, localizando-se no extremo meridional do Brasil, há 20 km da fronteira com o Uruguai”. Ainda de acordo com o PAM 2011, o município foi palco de inúmeras disputas territoriais entre os reinos de Espanha e Portugal, inicialmente ocupado por portugueses açorianos, sendo declarado campo neutro no Tratado de Santo Ildefonso (1777).

A partir de então o território foi sendo aos poucos ocupado por brasileiros de várias origens, ocorrendo frequentes conflitos de posse. Com grande influência dos espanhóis e de imigrantes italianos, formou-se uma comunidade com muitas peculiaridades, sendo uma das principais o fato de viver fisicamente mais próximo do País *hermano* (Uruguai), que dos centros brasileiros e entre uma lagoa e um oceano.

Santa Vitória do Palmar foi criada entre 1852 e 1855 em terras de sesmarias após a definição do território luso sobre os Campos Neutrais. Por ser a esposa do fundador devota da Santa Vitória, somada à ocorrência de grande quantidade de palmeiras na região, estendendo-se até o Uruguai, é que o nome foi registrado.

Quando se trata de modernização da agricultura devemos contextualizar primeiramente a pecuária bovina, fator que explica o povoamento e ascensão em meados do século XIX. O gado ovino chega mais tarde, no início do século XX, por uma questão de necessidade alimentar.

No município, os indígenas viviam essencialmente da atividade pecuária, possuindo água em abundância e frutos silvestres. A princípio não obtinham a preocupação com a agricultura. Com o surgimento das estâncias, o gado *vacum* passou a diminuir devido as negociações e comercialização da carne com o governo português e é nesse cenário que a agricultura toma evidência.

A evolução da ocupação do território obedeceu a lógica do modelo do processo de produção orizícola: intenso uso de capital, produção em escala e desequilibrada distribuição de riqueza. Atualmente abriga poucos produtores rurais, mostrando o flagrante sintoma de recessão econômica e dependência da monocultura, conforme explica Rodrigues.

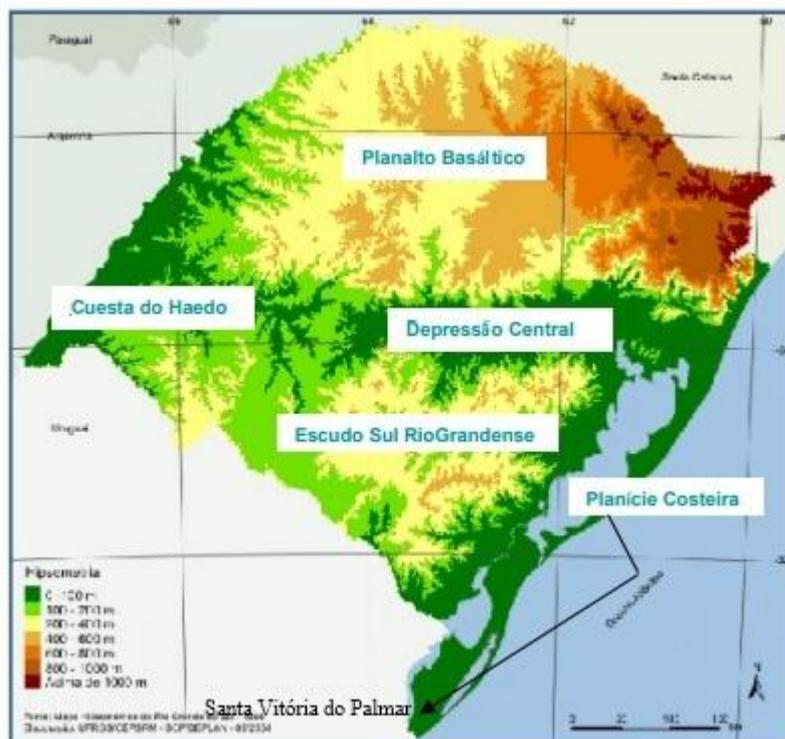
### 3.3. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR/RS

#### 3.4. RELEVO

De acordo com o PAM (2011, p. 13), o relevo do município de estudo é constituído de “grande planície disposta em quatro níveis altimétricos, distantes cerca de 5 metros entre si, os solos com pouca diversidade, mostram um horizonte praticamente impermeável, e a farta disponibilidade de água é o que caracteriza a região”. E ainda destaca que o mesmo possui aproximadamente “535.000 ha. de superfície total, da qual 250.000 ha. são *totalmente cultiváveis* e com possibilidade de irrigação, mananciais hídricos abundantes e escassa cobertura arbórea, o município ultimamente baseou sua economia na cultura do arroz irrigado (orizicultura/rizicultura)”.

Conforme Miguel (2016, p. 6) apud SUERTEGARAY & GUASSELLI, as unidades de paisagem que compreendem o Rio Grande do Sul caracterizam-se por Planalto Basáltico, Cuesta do Haedo, Depressão Central, Escudo Sul-Rio-Grandense e Planície Costeira, de acordo com o mapa Fig. 01 que segue.

**Figura 01. Principais Unidades de Paisagem do Rio Grande do Sul.**



Fonte: Adaptado de Miguel, 2016.

Ainda de acordo com Miguel (2016, p. 8) na porção leste do Estado a paisagem é formada por vários processos sedimentares destacando-se três subunidades:

Agrícola, Campos Litorâneos e Dunas. A subunidade Agrícola está situada no entorno dos grandes corpos lagunares e é constituída de áreas de cultivo

de arroz irrigado. A subunidade Campos Litorâneos é formada por extensas áreas planas, também no entorno das lagoas, e tem uso pastoril. A subunidade Dunas ocupa a linha da costa e é utilizada para reflorestamento ou para fins imobiliários (MIGUEL, 2016. p. 8).

Mesmo possuindo semelhança com as demais regiões pertencentes à Planície Costeira, Santa Vitória do Palmar, possui suas especificidades, as quais a tornam única em diversos aspectos “desde sua formação geológica até a forma de utilização da terra pelo homem”, conforme enfatiza o PAM (2011, p. 54).

A ação humana contribui para a mudança dos sistemas agrários ao longo da história da humanidade, por isso é importante destacar a vegetação da região em estudo mesmo antes da chegada do europeu ao local para que possa ser possível avaliar “que medidas devem ser tomadas para que os campos de Santa Vitória do Palmar sejam usados racionalmente” (PAM, 2011. p. 55). Ainda de acordo com o PAM (2011, p. 54):

O contato direto com a população local permitiu perceber a crença, por várias pessoas, de que esses campos teriam resultado do desmatamento realizado por seus antepassados. No entanto, vários elementos indicam que essa região da Planície Costeira jamais foi coberta por florestas. [...] Mais recentemente, talvez o principal fator a impedir a formação de florestas na região ainda sem considerar a chegada do homem europeu - seja a pouca profundidade efetiva de praticamente todos seus solos. Prova disso é o intenso cultivo de arroz irrigado por inundação, em grande parte do município, para o que, é necessário que a água não percole para camadas mais profundas do solo. Isso é conseguido devido à existência de um horizonte impermeável, normalmente a poucos decímetros de profundidade. Esse horizonte dificulta o desenvolvimento de raízes de vegetais de grande porte, tanto pelo impedimento físico à penetração, como também, pela deficiência de oxigênio resultante do acúmulo de água sobre ele [...] (PAM, 2011. p. 54).

Nas “áreas de solo com maior profundidade efetiva, maior disponibilidade de água sem sofrer inundações periódicas e prolongadas, a formação clímax constituiu-se de pequenas matas insulares, popularmente conhecidas por capões-de-mato” (PAM, 2011. p. 57), conforme a Figura 02 abaixo.

**Figura 02. Pequeno capão de mato próximo ao arroio Chuí**



Fonte: RAS Parque Eólico Minuano, 2008.

Conforme o PAM (2011, p. 57) “sobre os solos onde as espécies arbustivas e arbóreas não conseguiram se estabelecer, a formação clímax não avançou além de uma densa comunidade de ervas e subarbustos, com o predomínio de espécies de gramíneas (Poaceae)”, conforme demonstra a Figura 03 que segue.

**Figura 03. Área de campos alagados com predominância de espécies de gramíneas e cyperaceas**



Fonte: RAS Parque Eólico Minuano, 2008.

Em viagem ao Rio Grande do Sul, no ano de 1820, o botânico Sant- Hilaire deparou-se com pouca mata e com resultados da ação antrópica há 150 anos, pois notou que:

Junto à extremidade do istmo que separa a [Lagoa] Mangueira da Lagoa dos Patos [...] esse panorama [...] nada tem de agradável, porque a vegetação apenas se mostra no campo em pequenos intervalos e por toda a parte, imensos espaços, cobertos de uma areia fina e esbranquiçada (p. 96). As pastagens (naturais) que atravessei hoje são mais crescidas que as dos dias precedentes, porque o gado não é aqui tão numeroso. A erva nova só começa a despontar no meio dos tufos dessecados (pelo inverno). O terreno que percorri hoje é sempre plano com pastagens (naturais). Como o gado é menos numeroso, a erva não forma aqui um gramado raso, cresce em tufos que ainda estão secos como em pleno inverno. As matas são muito raras; apenas percebem-se, de longe em longe, algumas capoeiras ou pequenos capões de árvores raquíticas, não vi, hoje, mais flores que nos dias precedentes. Em geral, a vegetação parece menos avançada (em rebrota e floração, com o início da primavera) (SANT-HILAIRE, 2002. p. 104).

As descrições do botânico demonstram a ação antrópica na região, fornecendo indícios, nos trechos destacados, de que os sistemas agrários sofriam e sofrem transformações por imposição do homem e dos animais.

### 3.5. CLIMA

De acordo com o PAM (2011, p. 33), Santa Vitória do Palmar está classificada como clima temperado onde há a existência da observação popular de que:

“Aqui é a terra do muito”. O *vento* é muito forte, principalmente pela inexistência de barreiras vegetais consistentes em nível de modificar as condições microclimáticas nos ambientes; o regime hídrico é dependente das condições meteorológicas que se refletem em rápidas respostas extremas dos níveis das lagoas e saturação dos solos, visto a baixa capacidade de saturação e a alteração dos sistemas naturais de drenagem e escoamento superficial (PAM, 2011. p. 33).

De acordo com o Quadro 01 apresentado a seguir, a temperatura média anual fica abaixo de 20°C, chegando a menos de 14°C nas maiores altitudes. As médias das temperaturas mínimas do mês de julho são inferiores a 10°C. No verão as médias das temperaturas máximas são bem elevadas atingindo aproximadamente 30°C.

Santa Vitória do Palmar, possui as estações do ano bem definidas. Segundo o IBGE (1986) os totais médios de precipitação distribuem-se de modo geral desde os 1200 mm na faixa litorânea até os 1700 mm nos setores setentrionais do Estado (Quadro 02).

Os quadros que seguem demonstram as variações climáticas do município em estudo:

<b>Quadro 01 - Temperaturas máxima e mínima anuais e das médias máximas e mínimas mensais na estação meteorológica de Santa Vitória do Palmar</b>								
Ano	Temp. Max. Max.	Mês	Temp. Min. Min.	Mês	Temp. Med -Max.	Mês	Temp. Med.-min.	Mês
2003	28.30	Jan	6.90	Jul	22.80	Fev	10.80	Jul
2004	27.57	Jan	7.80	Jul	22.41	Jan	11.39	Jul
2005	29.39	Jan	8.59	Jul	23.12	Jan	12.61	Jul
2006	27.75	Dez	7.59	Ago.	22.48	Dez	11.77	Ago.
2007	28.99	Fev	4.93	Jul	23.30	Fev	8.73	Jul

Fonte: Plano Ambiental Municipal (PAM) de Santa Vitória do Palmar/RS, 2011.

<b>Quadro 02. Precipitação máxima e mínima de 2003 a 2007 e respectivo ano e mês de ocorrência na estação meteorológica de Santa Vitória do Palmar</b>				
Ano	Precip. Max.	Mês	Precip. Min.	Mês
2003	300.50	Mai	17.00	Jan
2004	181.50	Mai	51.20	Fev
2005	267.20	Mai	6.40	Jan
2006	197.00	Ago.	25.30	Mai
2007	268.80	Fev	3.20	Jan

Fonte: Plano Ambiental Municipal (PAM) de Santa Vitória do Palmar/RS, 2011.

### 3.6. SOLOS

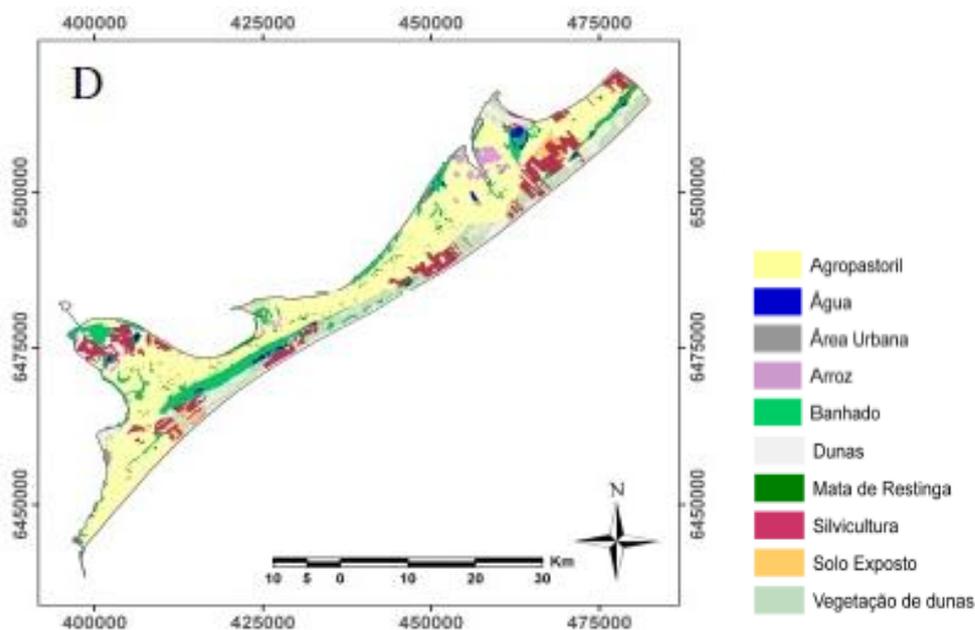
Solos bastante exauridos devido à intensidade do cultivo orizícola, incentivado principalmente pelos subsídios agrícolas das últimas décadas, encontrando-se hoje áreas extremamente compactadas e infestadas com vegetação arbustiva e agressiva, indicando claramente a deterioração de ecossistemas (PAM, 2011. p. 45).

Quanto a análise do conjunto de solos do município foi observada uma baixa diversidade de tipos, caracterizada genericamente pela dominância de areias na camada superior (horizonte A) e argilas na inferior (horizonte B). A primeira varia de 5 a 70 cm de profundidade com média em torno de 31 cm, constitui a interface primeira entre litosfera e atmosfera e é meio de vida para micro e macro-organismos vegetais e animais.

A segunda camada é composta basicamente de argila, constituindo um substrato praticamente impermeável aos movimentos da água no perfil do solo, daí sua vocação para a cultura do arroz irrigado e também as dificuldades de dreno principalmente no inverno (PAM, 2011. p. 45).

De acordo com Schäfer, Pereira, Agostini, Marchett e Sbersi (2009, p. 4.380), o mapa Fig. 04 demonstra as classes de solos que se estabelecem no município de Santa Vitória do Palmar: agropastoril, água, área urbana, banhado, dunas, mata de restinga, silvicultura, solo exposto e vegetação de dunas.

**Figura 04. Mapa temático de uso do solo do município de Santa Vitória do Palmar**



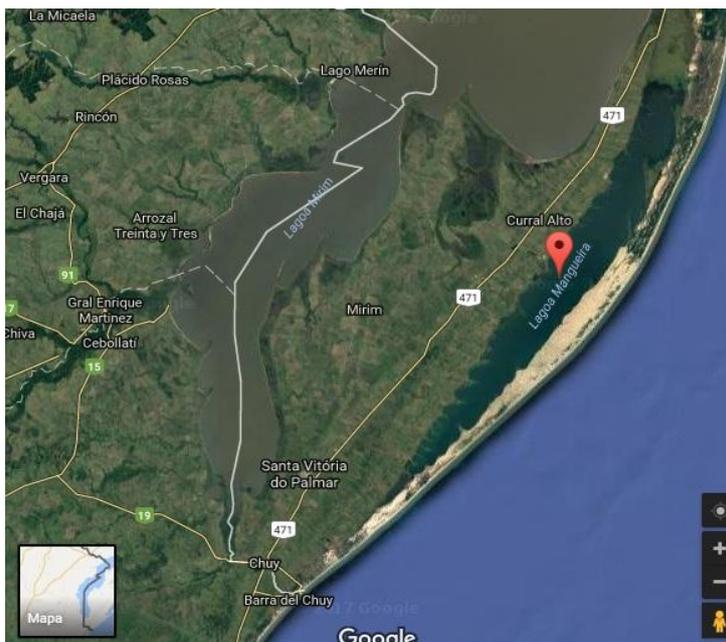
Fonte: Schäfer, Pereira, Agostini, Marchett e Sbersi, 2009.

### 3.7. HIDROGRAFIA (COMPLEXO MIRIM-MANGUEIRA)

A lagoa Mirim, com cerca de trezentos e oitenta mil hectares (380.000 ha.) de espelho d'água apresenta um volume de aproximadamente dezessete bilhões de metros cúbicos (17.000.000.000 m<sup>3</sup>) de água doce. Estando situada à **oeste** de Santa Vitória do Palmar, possui 350.000 anos de idade e por vários momentos esteve ligada com o oceano.

A lagoa Mangueira, localizada à **leste** do município, é uma lagoa costeira bastante jovem (cerca de 150.000 anos) que outrora ligava-se com a Mirim. Possui cerca de oitenta mil hectares (80.000 ha.) de espelho d'água e volume aproximado de dois bilhões de metros cúbicos (2.000.000.000 m<sup>3</sup>) de água doce, aproximadamente 1/6 da Mirim (PAM, 2011. p. 50). É possível vislumbrarmos as duas lagoas existentes no município através do mapa Fig. 05 que segue:

**Figura 05. Lagoas no município de Santa Vitória do Palmar/RS**



Fonte: Google Maps, 2017.

### 3.8. VEGETAÇÃO

A vegetação atual é constituída de:

**Campos nativos:** caracterizados por um denso estrato herbáceo, normalmente utilizado para o pastoreio intensivo. A vegetação herbácea e por vezes arbustiva, abriga uma grande variedade de espécies vegetais e animais, em microclimas bastante típica como tocas, moitas e outras estratégias de vida adaptadas às adversidades que um ambiente aberto oferece.

**Campos arenosos:** apresentam alta taxa de solo descoberto, com baixa diversidade de cobertura onde é comum a ocorrência de espécies forrageiras nativas.

**Campos úmidos:** caracterizam-se pela proximidade do lençol freático à superfície, ocorrendo os alagadiços sazonais (PAM, 2011. p. 62).

**Banhados:** Inclui áreas úmidas, permanentes ou sazonalmente alagadas, com cobertura de macrófitas<sup>1</sup>

**Palmares:** são espécies de butiazeiros (*Butia capitata*). Estas palmeiras ocorrem preferencialmente em zonas de transição de campos secos para campos úmidos ou banhados, mas concentram-se ainda mais nas “lombadas” geomorfológicas.

#### **Figura 06. Vegetação localidade Árvore Só – Santa Vitória do Palmar/RS**



Hustração Gradulanda Plageder Ivonete de Avila

Fonte: foto da autora, 2016.

## **4. EVOLUÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DOS SISTEMAS AGRÁRIOS DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR**

O Quadro 03 que segue trata da evolução e diferenciação dos sistemas agrários no município, cabendo salientar que o conceito de sistema agrário, de acordo com Miguel apud Mazoyer (2009, p. 23), “é um modo de exploração do meio historicamente constituído e durável, um conjunto de forças de produção adaptado às condições bioclimáticas de um espaço definido e que responde às condições e às necessidades sociais do momento”.

<sup>1</sup> **ma·cró·fi·ta** (feminino de *macrófito*) *substantivo feminino*

[Botânica] Planta que vive na água ou em terrenos pantanosos e é visível a olho nu.

"**macrófito**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/macr%C3%B3fita> [consultado em 13-11-2017].

Quadro 03. Evolução dos Sistemas Agrários do Município de Santa Vitória do Palmar/RS

Variáveis	SVP pré-histórica e o Sistema Agrário Indígena 1.000 a. C até 1760	Sistema Agrário das Sesmarias 1821 - 1960	Sistema Agrário predominantemente Orizícola 1960 até o atual
Descrição da paisagem	Banhados, planície, vegetação rasteira, capões de mato, palmeiras (butiá)	Ausência de floresta arbustiva, vegetação rasteira, palmeiras, terreno de planície, várzea, campos	Campos, vegetação rasteira, terreno de planície, capões de mato, palmeiras, solos férteis
Principais atividades agroflorestais e de transformação	Coleta de frutos (butiá), caça (capivaras, veados, ratões do banhado, tatus e preás), pesca, Tradição Vieira (ceramista), cerritos ou sambaquis, carne de gado	Criação de gado bovino e equino, agricultura de subsistência (batata, mandioca e milho), equipamentos manuais	Introdução do plantio de arroz e soja
Instrumentos de Produção	Pontas de flechas, boleadeiras	currais feitos de palmeiras de butiá	Equipamentos voltados para a lavoura de arroz, engenhos, utilização de fertilizantes, criação de gado equino, ovino, bovino, muar, suíno, criação de aves domésticas, mecanização
Sociedade	Família de linha nuclear paterna e forte submissão feminina, indígenas, portugueses e espanhóis, gaúcho (índio+português+espanhol), surgimento das estâncias,	Militares, foragidos e aventureiros, gaúcho, escravos das estâncias, chegada de imigrantes italianos	Santa-vitoriense (gaúcho), imigrantes italianos, japoneses, libaneses, alemães
Economia	Criação de equinos e bovinos	Exportação do couro e do charque (Montevideo e Rio Grande), produção de milho para o consumo e exportação, charqueadas na lagoa Mirim	Rizicultura, pecuária e soja
Fatores de crise	roubo de gado, fragilizando o sistema social	Contrabando do gado pelos tropeiros	Políticos, sociais, econômicos em decorrência da forte crise em que o País se encontra

Fonte: Elaboração da autora, 2017. Informações com base em Lourenço, 2015.

Conforme o quadro, pode-se delimitar a ocorrência do Sistema Agrário pré-histórico e o Indígena entre 1.000 a.C até 1760, identificando-se neste período a ocorrência de uma paisagem composta por banhados, contendo um terreno plano e a vegetação rasteira.

São encontrados capões de mato e palmeiras de butiá, entre vários outros tipos de vegetação rasteira, não havendo a presença de florestas arbustivas, pois de acordo com o PAM (2011, p. 54) “o principal fator a impedir a formação de florestas na região ainda sem considerar a chegada do homem europeu é a pouca profundidade efetiva de praticamente todos seus solos”.

Como atividades de transformação no período citado, destacam-se a coleta de frutos (butiá), caça (capivaras, veados, ratões do banhado, tatus e preás), pesca, Tradição Vieira (ceramista), cerritos e sambaquis e carne de gado, pois de acordo com Lourenço apud Schmitz (2015, p. 11):

Apesar de não ter sido incorporadas as práticas agrícolas nessa região, a tradição ceramista ocorre entre eles, sendo integrados à chamada Tradição Vieira no âmbito arqueológico. Tais regiões são caracterizadas por um tipo muito específico de sítio arqueológico, o “cerrito”. Os *cerritos* ou *aterros* são sítios arqueológicos que ocorrem especificamente em extensões de terras baixas (que se tornam alagadas durante os períodos de chuva), sendo caracterizados pela sua forma específica (pequena elevação no terreno, em forma aproximadamente circular, oval ou elíptica) e pela predominância de cerâmica e restos de animais provenientes da caça e pesca. Esses aterros eram ocupados por longos períodos (talvez séculos) e abandonados quando havia dificuldades de acesso às lagoas para pesca (LOURENÇO, 2015. p. 11).

Utilizavam para a caça terrestre capivaras, ratões do banhado, tatus, entre outros utensílios como pontas de flecha e boleadeiras para a preação dos animais e coletavam frutos silvestres, como o butiá, fruto bastante farto em toda a região.

A sociedade era composta por indígenas e, com a colonização vieram os portugueses e espanhóis onde o cruzamento destes vai resultar a formação de um outro elemento, o gaúcho<sup>2</sup>.

A economia baseia-se na criação de gado equino e bovino e, com a chegada dos portugueses e espanhóis no decorrer do século XVI, novos elementos podem ser discutidos, de acordo com Lourenço apud Becker (2015, p. 12):

Uma delas está relacionada à introdução dos equinos e, um século depois, do gado bovino, representando fortes elementos de mudança cultural desses grupos. Essa mudança refletiu principalmente nos hábitos alimentares: a caça e a pesca vão paulatinamente sendo substituídas pela carne de gado. Os

---

<sup>2</sup> Gaúcho: Mistura do branco português e espanhol com o índio, vivendo na pampa e nas lides do campo. Explicação concedida pelo Professor de História e Historiador local, Homero Suaya Vasques Rodrigues.

instrumentais de caça e guerra também sofrem modificações: as bolas de boleadeira, antes usadas para a caça, passam a ter papel primordial na apreensão do gado e também nos combates de guerra e o deslocamento passa a ser montado (a cavalo). Também com o ferro e aço ao seu alcance, passam a fabricar as pontas de flecha, anteriormente feitas em madeira (LOURENÇO, 2015. p. 12).

Um dos fatores de conflito na região, responsáveis pela crise dos sistemas e levando os grupos a embates estão relacionados ao roubo de gado nas estâncias. Segundo Lourenço apud Becker (2015, p. 12-13):

Em decorrência das penetrações luso-espanholas no território gaúcho, inicialmente com características militares, o território dos minuanos e charruas passa a ser lentamente incorporado. Assim, as fundações espanholas vão de 1527 a 1577 e as portuguesas de 1680 a 1737. Com a mudança de hábitos desses grupos, vão se tornando pequenos criadores de equinos e bovinos e, mesmo que não intencionalmente, vão sendo incorporados à economia colonial. Dessa forma, a dependência dos índios ao colonizador vai se tornando cada vez maior, criando sérios conflitos relacionados principalmente ao roubo de gado nas estâncias (para sobrevivência) e fragilizando cada vez mais o sistema social desses grupos (LOURENÇO, 2015. p. 12-13).

No Sistema Agrário de Sesmarias, período que se inicia em 1821 e vai até 1960, portugueses e espanhóis ocupam definitivamente a região e em 1777, através do Tratado de Santo Ildefonso, delimitam a área denominada Campos Neutrais. Conforme Rodrigues (RECADO AOS MERGULHÕES/PLANETSUL, 2015):

Foi célebre o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, entre Portugal e Espanha, que criava uma zona neutra, que não se sabe ao certo, qual era a sua largura, indo desde o arroio Chuí, até o norte da Amazônia, mas que ficou conhecida a sua demarcação justamente onde hoje está o nosso território, desde o Taim até o Chuí e São Miguel, pelo fato de ser impossível estabelecê-lo, além desta região, pois, aqui, tudo era fácil, devido a sua posição, tendo ao norte o Taim, ao sul, Chuí e São Miguel, a leste o oceano Atlântico e oeste, a Mirim. Dentro desta área que pertencia a ambos os reinos ibéricos foi sendo forjada a civilização santa-vitoriense (RODRIGUES/PLANETSUL, 2015).

Inicia-se durante esse período a concessão de sesmarias com a finalidade de ocupação e povoação das terras da região, onde são representadas por militares, foragidos da Colônia, aventureiros e pelo gaúcho onde a economia possui base na exportação do couro e do charque (Montevideo e Rio Grande), produção de milho para o consumo e exportação e as charqueadas na lagoa Mirim. Com isso, Rodrigues explica em seu Recado aos Mergulhões (2015) que:

A região onde hoje localiza-se a cidade de Santa Vitória do Palmar estava dividida entre alguns sesmeiros muitos conhecidos em nossa História, como

Carvalho Porto, José de Lemos e o centro deste trabalho, Joaquim Gomes Campos, o Escorrega, apelido que levava este português, por causa de uma rodada da montaria, fazendo com que uma das pernas perdesse o movimento e para ativá-la devia arrastá-la e por isso chegou-lhe o apodo [...]. Este homem citado construiu um pequeno atracadouro no Pontal das Capinchas ou Capivaras que também ficou conhecido por Pontal do Escorrega, localizado a esquerda de nosso porto de agora e aí, vislumbrando uma nova era de comércio, construiu a beira da lagoa Mirim, uma grande charqueada, antes da fundação da Povoação de Andréa, já que este a encontrou quando aqui esteve em 1852. Nesse mesmo lugar, no início do século XX, José Estrela, também organizou um estabelecimento saladeiro, talvez aproveitando as bases do primeiro complexo (RODRIGUES/PLANETSUL, 2015).

Dessa maneira, segundo Lourenço apud Ferreira (2015, p. 15), “desde o final do século XVIII, o solo da região veio sendo ocupado e explorado sob a forma de estâncias”. Entretanto, Marechal Soares Andréa, em 1852, cogitou a fundação de um povoado e a construção de uma Capela. Ainda de acordo com Lourenço, “o início do povoado deu-se em 1858 e, em 1872, o mesmo foi elevado à vila, com a denominação definitiva de Santa Vitória do Palmar [...]. Em 1888 passa à categoria de cidade”.

No sistema agrário predominantemente Orizícola, que se inicia em 1960 e estende-se até os dias atuais, segundo o Professor de História e Historiador local, Homero Suaya Vasques Rodrigues (informação verbal)<sup>3</sup> “para abastecer as estâncias vieram produtos como o trigo, o arroz, o milho. Uma agricultura comercial e intensiva iniciava-se em meados do século XX na região de Curral Alto, com o grupo Pedro Osório e os irmãos Feijó na região de São Miguel”. De acordo com Acosta apud Rodrigues (2013, p. 67):

Este feito coube aos irmãos Feijó, em 1939, sendo eles: Afonso Tibiriçá Feijó, Osvaldo, Deroci e Pedro Tibiriçá Feijó, que haviam cedido em arrendamento uma propriedade em Curral Alto e se deslocaram para a região de São Miguel para juntamente com o cunhado Vitelbo Corrêa de Souza e Pedro Arriada iniciarem a atividade orizícola nos Campos Neutrais (ACOSTA apud RODRIGUES, 2013. p. 67).

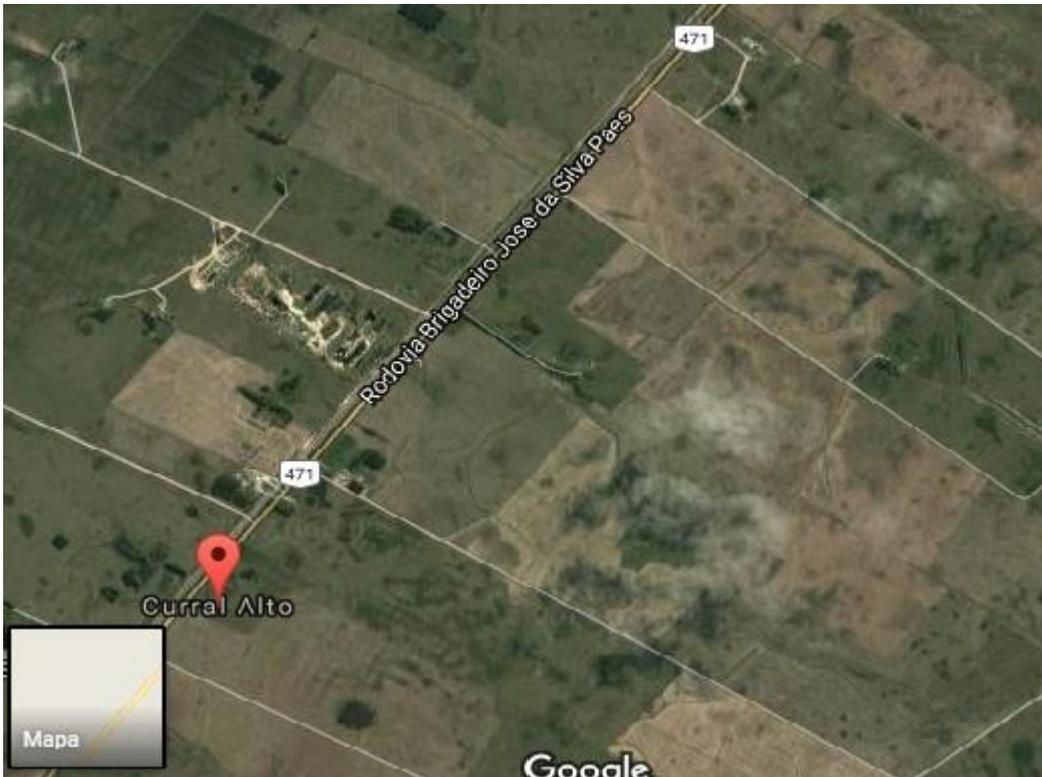
De acordo com Acosta (2011, p. 69), todo o material e equipamentos para utilização nas lavouras orizícola acima citadas, foram “conduzidos em carretas puxadas por bois, e outro tanto foi transportado também por dois caminhões e dois tratores novíssimos adquiridos para a nova empresa”.

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Homero Suaya Vasques Rodrigues, Professor de História e Historiador local [set. 2017]. Entrevistador: Graduanda Ivonete Pereira de Avila. Santa Vitória do Palmar/RS. A transcrição da entrevista na íntegra encontra-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/Plageder. Porto Alegre/RS.

Os mapas que seguem (Imagem 01 e 02) mostram a localização de onde ocorreu o início da plantação orizícola no município: a primeira ao lado norte e a segunda ao sul.

**Imagem 01. Localidade de Curral Alto – Santa Vitória do Palmar**



Fonte: Google Maps, 2017.

**Imagem 02. Localidade de São Miguel – Santa Vitória do Palmar**



Fonte: Google Maps, 2017.

De acordo com Rodrigues (informação verbal), na década de 1930 até 1960 esses dois grupos vieram a falir porque “o sistema era precário, não tanto o de produção como o de escoamento e beneficiamento desses grãos, pois sem estrada os mesmos deveriam seguir para os Municípios vizinhos através do Porto de Santa Vitória”, o que inviabilizava o negócio tornando-se oneroso para os bolsos dos produtores, já que alguns deles tinham que alugar ou comprar iates para escoar a produção.

## 5. MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR

A partir de 1953, o dique do Taim começa a ser construído, o que vai transformar consideravelmente a agricultura de Santa Vitória do Palmar, pois os caminhões passam a realizar o transporte terrestre não mais necessitando escoar a produção via lagoa, além do que, o arroz alcançava preços elevados para abastecer o mundo no Pós-Guerra. Assim, conforme relata Rodrigues em sua coluna semanal “Recado aos Mergulhões” apresentada através do site Planetsul:

Na década de 40 os pedidos das lideranças locais junto ao governo federal encontraram eco no seio do Chefe da Nação, Getúlio Vargas, que graças a uma grande amizade com o “velho Amaral”, aliás, seu nome conhecido pelo grupo governamental, o Bel. conterrâneo Manuel Vicente do Amaral, deu o sinal verde para os estudos e depois de sua saída, junto ao novo mandatário Gal. Eurico Gaspar Dutra, a monumental obra foi estudada e logo em seguida começaram os trabalhos de esgoto e formação de um dique para permitir a passagem por aqueles difíceis caminhos (RODRIGUES/PLANETSUL, s/d).

Com a construção da estrada que ligaria o município ao restante do País dois grupos orizícola se instalam nessas terras: Extremo Sul e Joaquim Oliveira, o primeiro localizado no lado oeste e o segundo no lado leste de Santa Vitória do Palmar. Os mesmos são responsáveis pela introdução do maquinário agrícola, motivo de diminuição da mão de obra, antes realizada manualmente.

Quanto a introdução do maquinário agrícola, o segundo informante-chave, trabalhador aposentado e que trabalhou sua vida inteira nas lavouras de arroz do município, senhor com 74 anos de idade, considera que (informação verbal)<sup>4</sup> “esse maquinário veio para as granjas para diminuir ainda mais o pobre, porque terminou com o emprego e os granjeiros só pensam em ganhar dinheiro”. Com isso Almeida apud Palmeira reitera que “o país assistiu desde fins

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Entrevistado 2. [out. 2017]. Entrevistador: Graduanda Ivonete Pereira de Avila. Santa Vitória do Palmar/RS. A transcrição da entrevista na íntegra encontra-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/Plageder. Porto Alegre/RS.

da década de 1960 a um impulso modernizador em sua agricultura”, o que significou “uma absorção cada vez maior de crédito agrícola, incorporação de novas tecnologias e máquinas na produção e inserção das modernas redes internacionais de comercialização agrícolas” (ALMEIDA apud PALMEIRA. 2010, p. 20).

Também em sua concepção o veneno utilizado (informação verbal) “termina com a terra, não há descanso da terra que antes deixavam três anos” de pousio considerando que o poder do capital e a geração de lucro são mais importantes para a maioria dos agricultores.

Para que as lavouras orizícolas se desenvolvam em larga escala e gerem lucros, uma enorme concentração de agrotóxicos são utilizados nos solos causando sérias consequências a estes como desgaste e improdutividade.

Assim sendo, Limberger, Bobsin e Limberger (2006, p. 1) relatam que “o uso intensivo de agrotóxicos na agricultura resulta em riscos de contaminação de solos e de cursos d’água”.

Os seres humanos que vivem próximo às áreas atingidas pelo veneno também sentem as consequências resultando em sérios danos na saúde dos mesmos, como infecções respiratórias, doenças de pele, destruição de hortaliças, contaminação da água, entre outros.

De acordo com Pereira (2014, p. 38), “o uso frequente, e muitas vezes incorreto, oferece riscos como “[...] contaminação dos alimentos [...] apresentando [...] riscos de efeitos negativos [...] e de intoxicação humana pelo consumo de água e alimentos contaminados, assim como o risco de intoxicação ocupacional de trabalhadores e produtores rurais”.

Considera-se que o avanço nos meios técnicos-produtivos “não atingiu todos os produtores e propriedades, excluindo os menos favorecidos”, de acordo com Teixeira (2005, p. 41). “Foram favorecidos os grandes proprietários e determinados segmentos da produção [...]. “Além disso, aumentaram os impactos ambientais no campo, intensificando os desmatamentos e o uso de produtos tóxicos” (TEIXEIRA, 2005. p. 41).

Teixeira (2005, p. 40) acrescenta que [...] “a industrialização se expandiu rapidamente e passou a exigir uma reestruturação do campo, visto ser fonte de matéria-prima. Era necessário preparar o campo para produzir para a indústria e, ao mesmo tempo, receber produtos industrializados [...], o que, de acordo com as informações do informante-chave que segue, não ocorreram, devido aos fatos que relata.

O terceiro informante-chave, ex proprietário de terra, no qual seus familiares a comercializaram para a rizicultura, aponta que (informação verbal)<sup>5</sup> “acha a granja boa para o município, porque ela dá emprego para muita gente que quer trabalhar” (inclusive o próprio trabalha executando a função de trabalhador rural na pecuária do comprador das terras de sua família). E acrescenta: “porque está uma crise muito feia” [...], e questiona: “onde estaria essa gente toda se não fosse a granja? [...]. A gente não paga água, luz e nem aluguel aqui. Tem a carne de graça [...] e ainda o salário no final do mês, que não é grandes coisas, mas a gente sabe que nunca atrasa [...]”.

De acordo com a entrevista concedida com o quarto informante-chave, agropecuarista de 71 anos, proprietário de parte das terras de Santa Vitória do Palmar relata que “com a vinda da modernização houve uma melhora na produção, pois as máquinas são mais modernas. “Veio o plantio direto, as sementes – variedades novas, o que melhorou 100%. Diminuiu a quantia de pessoas, mas exigiu pessoal mais qualificado, o que diminuiu ainda mais a mão de obra”.

Com o advento da modernização da agricultura com a Revolução Verde, segundo Rodrigues (informação verbal), “o interior de Santa Vitória do Palmar reverteu a situação urbana citadina, ou seja, para o morador vir na zona urbana, era antes, apenas por dois motivos e dois momentos: morte de próximos e Finados. A partir da década de 1960/1970 Santa Vitória começou a ir para o interior porque aí se criaram as agrovilas”.

Segundo Acosta (2011, p. 145), as agrovilas adotam status de uma pequena cidade a partir de meados de 1960/1970, “com moradias nos formatos de chalés em madeira ou alvenaria em arruamentos organizados, com escolas e postos saúde onde se vivia em comunidade [...]”.

É possível vislumbrarmos tal fato através da fala do segundo informante-chave (informação verbal), onde aponta que “foi uma época boa porque nas vilas veio a luz, tinha baile, tinha campo de futebol, as festas juninas, escolas para as crianças estudarem, aquilo parecia uma cidade porque tudo tinha [...]”.

Segundo Rodrigues (informação verbal) em meados de 1980, ocorre uma “desestruturação econômica no município devido à crise que assola o País, pois o pequeno produtor vai arrendar suas terras para o arrozeiro com o poder aquisitivo em mãos, ou vendê-las porque não consegue sustentar-se”. E acrescenta:

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida por Entrevistado 3. [out. 2017]. Entrevistador: Graduanda Ivonete Pereira de Avila. Santa Vitória do Palmar/RS. A transcrição da entrevista na íntegra encontra-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/Plageder. Porto Alegre/RS.

Houve uma modificação na estrutura interna de Santa Vitória do Palmar, pois o agricultor que vendia ou arrendava sua pequena propriedade, comprava uma casa na cidade, colocava um bar ou ia trabalhar em um táxi, ou na pior das hipóteses, ia sobreviver dos juros rentáveis na época por conta da inflação altíssima. Tudo era falso (informação verbal).

Fato este ocorrido com o terceiro informante-chave (informação verbal), onde seus familiares que se sustentavam da terra, venderam primeiramente uma parte dela com a detenção de água pelo motivo de o canal estar situado em seu campo e não mais conseguiram tal recurso para abastecer a sua produção, tornando-se dependentes do rizicultor/comprador, fazendo com que mais tarde o restante do lote seja também comercializado para o mesmo comprador. Consequência disto: os progenitores migram para a zona urbana e o filho vai trabalhar como peão rural na fazenda do mesmo comprador de suas terras.

Rodrigues (informação verbal), relata que no momento da chamada deflação o dinheiro foi embora e veio a crise do arroz, “primeiro a fundiária, a cidade começou a crescer na periferia e 80% das pessoas que eram arregimentadas de fora ficaram sem dinheiro e sem emprego, pois os senhores do arroz fechavam suas porteiras e iam embora”, como consequência de tal fato “deixavam os campos devastados, pois a ilusão de que a resteva era útil foi utópica, o veneno e a exploração irracional acabaram com o solo”. Acosta (2011, p. 227) ressalta que:

Ao longo da década de 80 o sistema financeiro nacional ajustou-se com profundas retrações nas operações de crédito, a inflação causou inadimplência e as instituições financeiras arrefeceram a liberação de créditos tornando-os mais difíceis de acessar e indexando-os a juros de atualização. O governo federal (ainda no período militar) praticara até então uma política agrícola altamente intervencionista, com o objetivo básico de garantir a segurança alimentar do País. Com a crise da dívida pública, o governo reduziu fortemente os gastos nessas políticas. Além da redução de gastos e do desmantelamento dos instrumentos tradicionais de política agrícola, houve uma mudança de prioridade, com ampliação dos gastos em políticas de reforma agrária e agricultura familiar (Acosta, 2011. p. 227).

Segundo Rodrigues (informação verbal), “para apoiar essas pessoas marginalizadas os governantes implementaram os programas sociais de assistencialismo para dar um norte a toda essa gente, pois esses programas retiram as pessoas da extrema linha da pobreza”.

Rodrigues (informação verbal) corrobora que “a partir dos anos 1990 quando veio a modificação brasileira com o Plano Cruzado, tudo começou a melhorar, pois agricultura continuou sendo o principal produto, com o arroz agora de uma maneira mais racional”.

Rodrigues (informação verbal) salienta que “com o Real houve a deflação, dolorosa no começo, o juro diminuiu e a inflação também e o poder aquisitivo aumentou”. E ainda afirma que:

Desde Fernando Henrique a Dilma teve a sensibilidade de um continuar a estrutura política financeira administrativa do Brasil que o primeiro iniciou. Chegou a um ponto de vencermos o dólar criando uma nova casta na estrutura brasileira e Santa Vitória do Palmar não foi diferente. O bem de consumo chegou para todos. Nosso País enfrenta uma crise, mas crise é mundial (informação informal).

O preço do arroz aumentou, houve uma explosão de dinheiro e este foi distribuído dando condições de as pessoas trabalharem. E Santa Vitória com subsídios começou a experimentar um novo produto [...] que é a soja. “A soja, de acordo com Rodrigues, “é 70% exportável. Dentro de poucos anos a carne vai começar a diminuir e vamos consumir a maioria dos produtos derivados da soja”. Atualmente a panorâmica da agricultura de Santa Vitória do Palmar é o binômio arroz/soja. Nesse sentido Almeida (2013, p. 1) destaca que:

Muito se tem comentado sobre o aumento da área semeada com soja na Metade Sul do Rio Grande do Sul, em especial por aqueles que circulam pelas rodovias que cruzam os municípios da Azonasul, como a BR 116 até Jaguarão, as BR 293 e BR 392 nas imediações de Pelotas, e a BR 471 nos seus limites até Chuí. Mas essa não é só uma impressão de viajante! Os dados mais recentes publicados pelo IBGE mostram um incremento de 571 mil hectares na safra de 2013 em relação ao ano anterior, o que corresponde a um aumento de 13,7% da área colhida com soja em todo o estado (ALMEIDA, 2013. p. 1).

Em contrapartida ainda quando se refere à soja, o quarto informante-chave (informação verbal),<sup>6</sup> agropecuarista e proprietário de grandes extensões de terras dentro do município, considera que “a soja é um complemento só para recuperar o solo. Ela não vem competir com o arroz porque deixa pouca margem de lucro”. E ainda reitera que o maior lucro que tem é a recuperação de solo, pois o solo do município não é preparado para a plantação de soja, “pois aqui temos o intervalo das chuvas: ou é chuva demais ou é seca demais. Ainda destaca que a pecuária é também um complemento para o aproveitamento das restevas<sup>7</sup> de arroz, um segmento de quem planta”. Partindo desse pressuposto, consideremos a relação realizada por Almeida (2013, p. 2) acerca do cultivo da oleaginosa:

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Entrevistado 4. [out. 2017]. Entrevistador: Graduanda Ivonete Pereira de Avila. Santa Vitória do Palmar/RS. A transcrição da entrevista na íntegra encontra-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/Plageder. Porto Alegre/RS.

<sup>7</sup> Parte basilar dos cereais que fica presa aos terrenos de cultura depois da ceifa; restolho. (Dicionário Infopédia. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/resteva>. Acesso em: 04 de outubro de 2017).

[...] esse avanço da soja também parece não interferir na área do arroz, que apresenta uma estabilidade de 185 mil hectares cultivados em média, bem como o manejo da drenagem em áreas orizícolas é uma operação mais complexa quando se introduz cultivos de sequeiro. Quanto ao rendimento da cultura da soja na Azonasul, as quedas mais significativas, em decorrência direta dos efeitos do clima, foram evidentes na safra de 1991 e na sequência dos anos de 2004 a 2006, sendo que o mesmo não aconteceu na safra de 2012, quando houve uma frustração de aproximadamente 50% sobre a expectativa da produção estadual. A percepção destes resultados tem gerado diversos movimentos em prol da consolidação da soja num ambiente tradicionalmente liderado pela cultura do arroz (ALMEIDA, 2013. p. 2).

Além de todos os fatores evidenciados neste trabalho, Rodrigues (informação verbal), ressalta que a agricultura neste município se desenvolveu com este “alicerce, devido a um poder aquisitivo maior e por isso Santa Vitória foi evoluindo com esses estágios. Terra dos senhores do arroz e grandes latifúndios de exploração elencados”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de Modernização da Agricultura no Município de Santa Vitória do Palmar possui suas particularidades embora encontre semelhanças com a modernização ocorrida no restante do País, conforme citam os autores referenciados ao longo de todo o texto.

É possível vislumbrar que a modernização da agricultura do município de Santa Vitória do Palmar acontece aliada à chegada da Revolução Verde e com a construção do dique do Taim, estrada que ligaria Santa Vitória do Palmar ao restante do País e do Mundo. Estes eventos tiram o município do isolamento, motivo pelo qual a implementação de técnicas mais apuradas de plantio tornavam-se difíceis devido à escoação dos produtos necessitar ser via lacustre.

A partir das informações obtidas com a pesquisa bibliográfica e entrevista com os informantes-chave, percebe-se que o município de Santa Vitória do Palmar teve sua economia inicial elencada na pecuária, porém devido os solos apresentarem-se propícios ao plantio do arroz irrigado e a quantia de terras ser abundante, a construção do dique que ligaria o município ao restante do País e as linhas de crédito subsidiado, fizeram com que os agricultores investissem na cultura orizícola.

À medida que os “senhores do arroz” como eram denominados, crescia e se desenvolvia economicamente perpetuando-se na descendência das famílias rurais, pequenos proprietários de terras, trabalhadores rurais e empregados das lavouras sofriam com o advento da modernização no campo, fazendo com que sucumbissem e partissem para a zona urbana,

dependentes de trabalhos informais ocasionando sérios problemas sociais, econômicos e ambientais para o município.

Os problemas sociais decorrem devido a quantidade exacerbada de pessoas que passaram a vir de outros municípios a fim de trabalhar nas lavouras e erradicaram-se nessas terras; econômicos devido a quantia de dinheiro investida nesse processo gerando um enriquecimento demasiado nas mãos de poucos rizicultores que investiam seu dinheiro em imóveis e negócios fora do município, como Pelotas, Porto Alegre e arredores; ambientais devido a utilização de agrotóxicos e fertilizantes no solo e ao plantio direto sem o devido pousio que a terra necessitava e ainda necessita, causando além disso problemas de saúde aos atores envolvidos de alguma forma no processo agrícola.

Além dos fatores evidenciados aqui, há o problema da falta de aperfeiçoamento dos trabalhadores no que se refere à implementação de maquinário de alta tecnologia sendo que estes não possuem o devido conhecimento para manuseá-las, abrindo precedentes para a falta de emprego onde os agropecuaristas buscaram e ainda buscam mão de obra qualificada de outras localidades.

O êxodo rural é contundente, pois quem possui pequenos lotes de terra no entorno das lavouras, ou as arrendam para o “granjeiro” ou na pior das hipóteses, as comercializam para estes muitas vezes endividados por não conseguirem cumprir com seus compromissos financeiros, inchando ainda mais os subúrbios da zona urbana, pois sem formação acadêmica suficiente acabam caindo na malha dos empregos informais à margem da sociedade.

Portanto podemos destacar que a agricultura no município de Santa Vitória do Palmar é marcada pelos latifúndios de exploração produtores de grãos como os binômios arroz/soja fazendo com que haja uma carência na agricultura focada na produção de alimentos que atendam à demanda local.

Em suma, analisemos até que ponto a agricultura moderna, elencada na produção de grãos em larga escala, com reduzida mão de obra poderia contribuir para o desenvolvimento local? E com base nesse pressuposto sugere-se a seguinte reflexão: Qual é a perspectiva para a agricultura de Santa Vitória do Palmar para as próximas décadas?

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Erodes Armendaris. **Na trilha dos Arrozais**. Gráfica e Papelaria Lin. Santa Vitória do Palmar, 2013. 236 p.
- ALMEIDA, Ivan Rodrigues de. **O avanço da soja e a paisagem da zona sul**. Embrapa Clima Temperado. 27 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/95234/1/soja-Ivan.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2017.
- ALMEIDA, Jalcione Pereira de. **A Modernização da Agricultura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. 94 p.
- DAVID, Cesar de. Consequências da Modernização da Agricultura no Rio Grande do Sul. **Geografia Ensino & Pesquisa**. V. 10, n. 10. p. 200-214, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/issue/view/1081>. Acesso em: 24 de setembro de 2017.
- FERREIRA, José Romualdo Carvalho. **Evolução e Diferenciação dos Sistemas Agrários do Município de Camaquã – RS**: uma análise da agricultura e suas perspectivas de desenvolvimento. Dissertação submetida a Universidade Federal do Rio Grande do Sul–UFRGS como requisito parcial para obtenção de grau de Mestrem Economia Rural. Orientador: Prof. Dr. LOVOIS DE ANDRADE MIGUEL. Porto Alegre, 2001. 192 p.
- FILHO, Luiz Fernando Fritz. MIGUEL, Lovois de Andrade. **A importância do Estado na Evolução da agricultura no Planalto Médio do Rio Grande do Sul**. 2011, 21p. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BRHNt78FCdJ:https://www.fee.rs.gov.br/4-encontro-economia-gaucha/trabalhos/agricultura-sessao1-1.doc+&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 30 de setembro de 2017.
- GRAZIANO, NETO, Francisco. **Questão Agrária e Ecologia**: crítica da moderna agricultura. 2. ed. Brasiliense: São Paulo, 1985. 154 p.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1986. **Projeto RADAMBRASIL**: Levantamento dos recursos naturais v. 33. Rio de Janeiro, RJ. 796 p.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Santa Vitória do Palmar/RS. **Infográfico**: Dados Gerais do Município. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/2VTKV>. Acesso em: 25 de outubro de 2017.
- JÚNIOR, Prof. Álvaro Francisco de Britto; JÚNIOR, Prof. Nazir Feres. A utilização da técnica de entrevistas em trabalhos científicos. **Evidência**. Araxá. V. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.
- LIMBERGER, Mariana Fagundes; BOBSIN, Graziela; LIMBERGER, Renata Pereira. **Análise de risco do uso de agrotóxicos em lavouras do RS**. Salão de iniciação Científica (18.: 2006: Porto Alegre, RS). Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 513 p.
- LOURENÇO, Andréia Vigolo. **Evolução e Diferenciação de Sistemas Agrários no Município de Santa Vitória do Palmar/RS**. Trabalho Desenvolvido como parte da avaliação

da disciplina DER 310 – Evolução e Diferenciação dos Sistemas Agrários, do programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS), ministrada por Lovois de Andrade Miguel e Daniela Garcez Wives. Porto Alegre, agosto de 2015.

MIGUEL, Lovois de Andrade. **Apontamentos acerca da evolução e diferenciação dos sistemas agrários do Rio Grande do Sul, Brasil**. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). SBSP - Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção. Pelotas - RS, 06 a 08 de julho de 2016. 19 p.

MIGUEL, Lovois de Andrade; MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence; WIVES, Daniela Garcez. **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários** / Lovois de Andrade Miguel; coordenado pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 152 p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Reflexões sobre Ética e Pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte. V. 5, n.1. p.43-61, 2005. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/etica.htm>. Acesso em: 30 de setembro de 2017.

PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e Questão agrária. **Estudos Avançados**. Rio de Janeiro. p. 87-18, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a06.pdf>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

PAM. Plano Ambiental Municipal de Santa Vitória do Palmar. **Baseado no Plano Básico Ambiental de SVP**, ano 1997. Realização: Prefeitura Municipal de Santa Vitória do Palmar/Secretaria do Meio Ambiente. Dezembro, 2011. 121 p.

PEREIRA, Janara Pontes. **Espacialização do uso de Agrotóxico por Região de Saúde no RS**. Monografia apresentada ao Curso de Geografia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Geografia. Orientador: Prof. Dr. Luís Alberto Basso. Porto Alegre, 2014. 121 p.

RODRIGUES, Homero Suaya Vasques. **A Charqueada como referência da criação da Povoação de Andréa**. Recado aos Mergulhões. Planetsul, 2015. Santa Vitória do Palmar/RS. Disponível em: <http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/280820081.htm>. Acesso em: 24 de outubro de 2017.

RODRIGUES, Homero Suaya Vasques. **A dura travessia do Taim e a ação de dois Grandes brasileiros - Eng. Clóvis Pestana e Egidio Costa** - Recado aos Mergulhões. Planetsul, s/d. Santa Vitória do Palmar/RS. Disponível em: <http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/060320071.htm>. Acesso em: 26 de outubro de 2017.

RODRIGUES, Homero Suaya Vasques. **Questões da agricultura no município de SVP**. Entrevista oral. Professor de História e Historiador no município de Santa Vitória do Palmar/RS. Concedida em setembro de 2017.

RODRIGUES, Homero Suaya Vasques. **Santa Vitória do Palmar na Política Internacional**. Recado aos Mergulhões. Planetsul. Santa Vitória do Palmar, 2015. Disponível em:

<http://www.planetsul.com.br/htm/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/220620041.htm>  
. Acesso em: 24 de outubro de 2017.

SILVEIRA, Gelson Siqueira. **Impactos ambientais resultantes da orizicultura mecanizada no município de Itaqui – RS**. Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural. Itaqui, 2011. 47 p. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54673/000855584.pdf?sequence=1>. Acesso em: 04 de setembro de 2017.

SCHÄFER, Alois Eduard; PEREIRA, Renata; AGOSTINI, Andriago Ulian; MARCHETT, Cassiano Alves; SBERSI, Francieli. Métodos de geoprocessamento como auxílio na geração de um Atlas Sócio-Ambiental de quatro municípios litorâneos do Rio Grande do Sul. **Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, Natal, Brasil, 25-30 abril 2009, INPE, p. 4377-4384. Disponível em:

<http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2008/11.17.15.23/doc/4377-4384.pdf>. Acesso em: 02 de outubro de 2017.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2002. 575 p.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. Modernização da Agricultura no Brasil: Impactos Econômicos, Sociais e Ambientais. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas**. Três Lagoas-MS, V 2 – n. ° 2 – ano 2, p. 21-42. setembro de 2005.